

Sala Dr. Duílio Crispim Farina:

A memória da Medicina e da Ciência em chão paulista

Guido Arturo Palomba

Henrique Arouche de Toledo, grande cirurgião, humanista e paulista, quando presidente da Associação Paulista de Medicina, seguindo a trilha do mestre Italo Le Vocotri, com perspicácia longimíante percebeu que a APM só sobreviveria aos tempos se retornasse às atividades científicas e culturais, aquelas iniciadas pelo seu primeiro presidente Rubião Meira. À época já despontava entre os grandes vultos da medicina pátria um dos maiores mestres da Cultura paulista, brasileira e universal, o doutor Duílio Crispim Farina, que vinha de receber cinco medalhas em honra aos trabalhos médicos que publica-

Quando Arouche de Toledo conheceu Crispim Farina, logo percebeu que era esse o homem cuja erudição e cultura vinham a ajustar-se perfeitamente à empreitada que almejava. Duílio Crispim Farina, convidado para tal, aceu ao convite e, empossado presidente do Departamento Cultural da APM, deu início nesta casa a um dos mais monumentais acervos bibliográficos da medicina paulista e brasileira, compilando, aqui e ali, obras básicas da cultura, da história, da ciência e da literatura brasileira. A primeira verba que recebeu para a empreitada foi de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros); quatro meses depois, Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros). No peregrinar incansável pelos livreiros, numa estante aqui, outra ali, ou nos desvãos de prateleiras, Duílio Crispim Farina começou a amearhar para a APM uma biblioteca médica, científica, cultural e literária que hoje é a mais rica e completa dentre todas as outras de igual gênero. Contou com a ajuda de notáveis alfarrabistas, entre eles Folco Masucci, Libano Caili, Lisboa da São Francisco, Olinto de Moura, e ainda com um negro pobre e anônimo, que vendia livros no Viaduto Maria Paula. Esse desconhecido homem o auxiliou muito na compra de pequenas bibliotecas, de onde vieram inúmeras obras de inestimável valor.

Conseguido os tratados básicos, sempre com a aquisição do presidente Arouche, Farina começou a agrupar e a organizar o Banco de Teses Médicas, e, para tanto, solicitava aos amigos e conhecidos material para poder compor o que desejava. Corbet cedeu perto de cinquenta teses raras, as quais foram prontamente encadernadas e

catalogadas. Tancha foram as doações que hoje é o maior banco de teses médicas do Brasil, quicô o maior da América Latina.

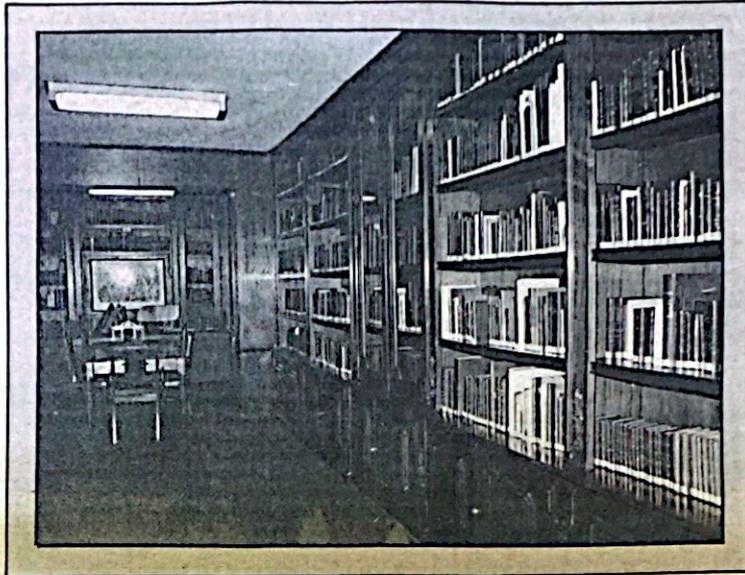
Feito isto, o grande mestre da Cultura, Duílio Crispim Farina, passou a adquirir livros escritos por médicos que versaram sobre história, poesia, ciência, romances, não só publicados no Brasil como também em Portugal, França, Espanha e Itália.

Entendia também o grande humanista que a APM devia ter os clássicos da medicina dos séculos passados, e conseguiu para o acervo livros raros dos séculos XVI, XVII e XVIII de Portugal, e outros do XIX, destacando-se, entre eles, as obras de Charcot, Pinel, Egas Moniz, e aína as do final do XIX, de alvar do XX, como os escritos por Franco da Rocha, Arnado Vieira de Carvalho, Ayres Neto, Briquet e muito mais.

Entre preciosidades dos mestres cariocas destacam-se as obras de Austregésilo, Fernando de Magalhães, Afranio Peixoto, Juliano Moreira, Pinheiro Chagas, Torres Homem, e as do filho do Padre Maurício, professor de Anatomia.

A essa altura, o acervo já rico, mais ainda ficou com o receber de doações. Pedro Ayres Neto cedeu valiosa coleção com as obras completas de todas as anatomias publicadas no Brasil e em Portugal. Farina, em contato permanente com o velho mundo, em suas várias idas aquelas plagas, quando lá chegava, não deixava de adentrar as vielas dos alfarrabistas no Sena, na livraria Shakespear and Company, à procura de raridades para a biblioteca que, a pouco e pouco, enriquecia graças aos seus esforços. Peregrinou também pela Rive Gauche, no Quartier Latin, e na travessa das Quel-madas, na rua da Misericórdia, no largo da Trindade, na alameda Garret, no Chiado, em Lisboa, e nos antiquários e livreiros de Roma, que ficam nas vias Coronari e Capelari, onde conseguiu raridades literárias de Claude Bernard e científico-literárias de Galeno, Pasteur, Bichard e outros mais.

Na sala onde estão reunidos os esses exemplares encontram-se ainda inúmeros trabalhos literários de Mantegazza, Lombroso (obras completas), as obras da filha de Lombroso e as raridades escritas por Silva Mello sobre Nutrição e Antropologia. E mais ainda, encontram-se todos os trabalhos realizados pelos prêmios Nobel de Medicina, história,



ciência, literatura etc., em castelhano.

Nas estantes dos assuntos artísticos, está disposto o grande dicionário de Benezit, sobre pinturas, esculturas, gravadores, em oito volumes; e ainda obras primas de música, de museologia, de escultura etc., com destaque para as do Osório Taumaturgo César, casado, em primeiras núpcias, com Tarcila do Amaral.

São muitas prateleiras, todas repletas de raridades, como os clássicos da Embriologia e Anatomia de Afonso Régulo de Oliveira Fausto e os livros que pertenceram ao Conde de Mafra, professor de Dermatologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, cuja família, nos últimos 200 anos, organizou grande biblioteca. Seu avô, o primeiro conde de Mafra, era o embalador de Portugal em França, quando da chegada dos despojos de Napoleão, de Santa Helena.

Com todo esse maravilhoso acervo, havia a necessidade de construir o gabinete de leitura e os anexos, cujas obras iniciaram-se na presidência de Aluísio Ferreira de Camargo e terminaram na de Nelson Guimarães Prouença, ambos esses presidentes cultores da tradição, do humanismo e da história. Tudo foi feito com o total apoio dos presidentes, sob o manto protetor do genial mestre Duílio Crispim Farina. Comprou-se o mobiliário, as peças de coleção, construiu-se as estantes, as vitrines, sala de estar clássica, condigna

e com a atmosfera de erudição e cultura na qual fora concebida.

Depois disso e daquilo, com perspicácia e alto espírito de criação o condestável da cultura brasileira passou a organizar o Arquivo Médico Histórico, que hoje conta com quarenta mil fichas, envolvendo todas as obras da biblioteca, e dados bibliográficos sobre médicos formados em São Paulo, presidentes da APM, médicos escritores, teses médicas e médicos brasileiros em geral, e universais em segundo item.

Esse fichário espetacular é hoje uma grande fonte de dados, de inestimável valor histórico cultural, digno de ser copiado por outras bibliotecas.

Em 1986, o doutor Farina conseguiu somar aos milhares de livros existentes mais doze mil, trazendo para a casa a biblioteca completa do professor Edmundo Vasconcelos, e ainda outras preciosidades, como um pequeno museu de ciméllios da medicina paulista e brasileira (documentos, louças com eventos médicos, bustos, estatuas de médicos e cientistas, medalhas concernentes ao tema, autógrafos, fotografias raras da história da medicina, arquivo fotográfico com solenidades, cerimônias e vultos, com cerca de 2.000 exemplares), tudo feito por amor à cultura, dentro do maior respeito às superiores doutrinas filosóficas.

Há ainda realçar que, entre todos esses objetivos, o idealizador dessa maravilhosa

obra não descuroou da cultura geral, incorporando ao patrimônio dezenas de volumes de Brasileira, de Paulística e outros da cultura hispânica, portuguesa, francesa e latino-americana. São muitos livros raros que, lado a lado, compõem a beleza do cenário de nobreza e cultura. É Lombroso, Garofalo, Pendi, Ferri, Viola. É Egas Moniz, Miguel Bombarda, Júlio de Mattos, Júlio Dantas, este último na magistratura tese sobre a Arte do Frenocômio de Rilhafoles. E mais Briquet, Galbeto, Pacheco e Silva, Eurico Branco Ribeiro, Ernesto de Souza Campos, José Pedro Leite Cordeiro, Lycurgo de Castro Santos Filho, Luiz Pereira Barreto, Ulisses Paranhos, J. J. de Carvalho, Otacilio de Carvalho Lopes, Carlos Alberto Nunes, Alberto Seabra, em obras científicas, culturais e históricas.

A biblioteca tem recebido o reconhecimento de outros centros culturais nacionais e da Europa (São Remo, Siena, Roma, Coimbra, Porto, Montpellier, Salamanca, Compostela) com as quais troca dados informativos sobre médicos, livros, iconografia etc.

Ainda sobre o acervo, há que ser lembrada a coleção de revistas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desde o primeiro volume até o ano de 1950; a coleção das revistas do Arquivo Municipal de São Paulo; e a coleção completa da revista da Academia Paulista de Letras, por doação do acadêmico José Pedro Leite Cordeiro.

São muitas obras raras,

prontas a nos levar a agradáveis passeios pelos variados caminhos da cultura, da arte, da ciência, verdadeiro lenitivo de paz e esperança, que aquece a alma do homem superior neste gélido século da informática e seus números despersonalizados.

Duílio Crispim Farina resgatou para a nossa pátria a memória da medicina, e o fez sem pelas, obreiro incansável que é, cujos esforços sem limites, deixam-nos a lição que há de perdurar pelas gerações que hão de vir, exemplo do lidador intemorato, do escritor que, a golpes firmes e definitivos, com a suavidade e nobreza do seu espírito genial, não só criou o centro cultural que alberga a Memória da Medicina em São Paulo, como também nos legou vários livros de sua autoria, leituras indispensáveis aos que praticam a arte esculpina e também aos que amam os clássicos da História e da Cultura. Homem de altíssimos dotes, inteligência privilegiada, teve desde logo seu pulsar voltado às coisas do saber. Descendente de velha cepa romana e visigoda, seus ancestrais de há muito, como ele, vêm dando lustro ao brasão de família. Entre os grandes de sua prole destaca-se, nos idos de 1556, Afonso Farinha, cavaleiro principal dos Hospitalários, que jaz de baixo do altar-mor do Mosteiro de Santa Cruz, na cidade conimbricense, no velho Aeminio, ladeado pelas tumbas santificadas de Afonso Henriques e Sancho I, o povoador.

É por tudo isso, e muito mais, que a classe médica paulista houve por bem, e inquestionável direito, homenagear esse ilustre médico, escritor e historiador. Em 28 de junho de 1984, a Associação Paulista de Medicina, comandada pelo inculto presidente professor Nelson Guimarães Prouença, em sessão solene, denominava as dependências onde alberga o acervo da Memória da Medicina de Sala Doutor **DUILIO CRISPIM FARINA**, justa homenagem a marcar, para sempre, a existência do homem completo, glória viva da nossa pátria.

A Sala Doutor **DUILIO CRISPIM FARINA**, com as suas preciosidades, espelha bem o seu criador. São ambos, obra e criador, patrimônios da nossa pátria, exemplos a seguir, pois honram pelo prestígio, pela opulência cultural e pelas fulgurações de grande preciosidade, que ficarão gravados eternamente no livro de ouro das nossas conquistas mais preciosas.

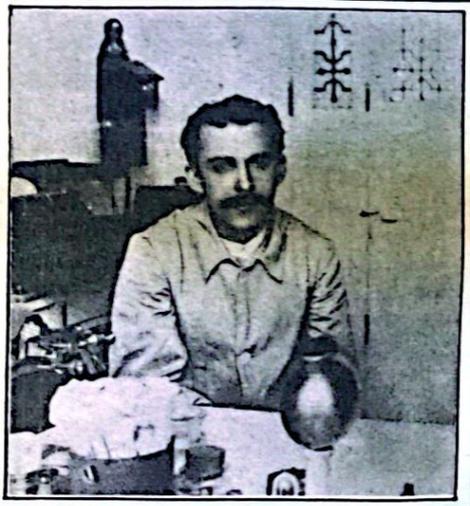
JORNAL DA APM

Gaspar Viana:

Walter Pinheiro Guerra

Poucos de nós lembram-se ou conheceram o pesquisador Gaspar Viana. Todavia, foi um promissor homem da ciência que maiores contribuições traria à pesquisa médica, não fora sua morte prematura aos 29 anos de idade.

Nascido em Belém do Pará, Gaspar de Oliveira Viana diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1909. Pela sua tese de doutoramento "Estrutura da Célula de Schwann nos Vertebrados", já se vislumbrava o dedo do gigante que poderia ter sido, tendo em conta sua pouca idade e o dedicado pesquisador que se revelaria mais tarde.



Pouco depois de colar grau, aproximou-se de Oswaldo Cruz, pelo renome internacional que alcançara, e como pioneiro da Medicina experimental no Brasil. Achava-se o grande sanitarista no fastígio da fama, conquistada a duras penas.

No Instituto de Mangueiras, guiado pela brilhante inteligência do mestre, Gaspar Viana ingressou na seção de Anatomia Patológica. Além de dedicar-se ao estudo da doença de Chagas, quando teve a oportunidade de revelar novas contribuições no desenvolvimento do Schyzotripanum Cruzii, interessou-se pelos ciclos evolutivos dos tripanossomos gambiense, equinum, equiperdum e congolense. Destacou-se contudo, na prática médica, como introdutor do

tártaro emético, no tratamento da leishmaniose, do granuloma venéreo e da ozena.

Este resumo é suficiente como amostra do que dele se poderia esperar, em proveito da ciência, caso lhe fosse concedida vida mais longa.

O que poucos sabem é das circunstâncias trágicas de sua morte, em prol da investigação médico-científica em que se empenhara. Procedendo a necropsia de uma vítima da tuberculose, ao romper a pleura, um jato de derrame pleural, onde, por certo, pululavam bacilos de Koch, atingiu-lhe o rosto.

Pouco depois, manifestou-se a tísica que o levaria ao túmulo, cujo contágio foi atribuído àquele acidente. Em reconhecimento a seus méritos,

o jovem e esforçado parasitologista Habib Frahia Neto, pesquisador da Fundação Sesp - Instituto Evandro Chagas, ao lado de outros, desenhando em Belém, campanha visando erguer significativo monumento, em memória daquele cientista pátrio.

De sua parte, o moço-nhor Ápio Campos, magnífico poeta simbolista, lhe dedicou um belo e significativo poema (ver ao lado).

Assim, nós, médicos de São Paulo, através de nossa Associação, juntamos à sociedade paraense o nosso preito de reconhecimento àquele infatigável pesquisador brasileiro, que muito mais nos poderia ter oferecido. Como alguns outros dedicados investigadores da Medicina, foi um mártir da Ciência.

Ápio Campos

*E Deus criou o Homem
e entregou em suas mãos o domínio da Terra
e apontou a seus pés o caminho do Tempo
e o mandou conquistar o Paraíso
as portas se fecharam
cresceu a erva e as lágrimas e a morte
apagaram os vestígios do regresso
só deixaram a lembrança
de que é possível a bem-aventurança
e o Homem começou a tatear no escuro
perquirindo nas trevas os fiapos de luz
e bebendo nas rochas o elixir da esperança
de quando em quando via
em suas mãos cair uma estrela incendiada
traçando no seu mapa de incertezas
a linha dos tesouros e dos sonhos
as escamas caíam de seus olhos
as mãos rugosas lapidavam armas
as feras monstruosas se abatiam
a cabeça se erguia
e subindo em árvores e montanhas
fitava como senhor destronado
o longínquo horizonte de seu império informe
antevendo que um dia
teria a sua posse assegurada
saindo vencedor de sua batalha:*

*Cresce e multiplica-te
e dominarás o mundo*

*nas frutas sazonadas e polpudas
lambuzava sua boca
com o sabor agrídeo de seu sonho
e o pão que o alimentava
embebido em suor e em desespero
dava-lhe alento e o impelia à frente
das entranhas da terra ele arrancava
os segredos e as leis da natureza*

*Em um dia-milênio
quando de um mar de dias liquefeitos
cobrindo os corais submergidos
enovelados nas garras das centúrias
com os seus desafios tentaculares
- o sol alvoreceu brilhando intenso*

*incendiando nuvens e desejos,
fazendo cintilar a consciência,
- e o Homem acordou-se Homo sapiens.*

*Daí por diante,
percebeu que a arma contra o tempo,
para dilacerar dúvidas e enigmas,
para avançar penosamente
no roteiro da Terra Prometida,
não eram os machados e os tacapes,
nem as lanças e os arcos,
nem a língua letal dos arcabuzes
que se multiplicaram hediondos
nos serpentários bélicos.*

*A arma do Homem
- imagem de um Deus criador da vida -
teria de ser apenas o pensamento,
aplicado ao Saber e à Ciência,
Munido e municiado
com a luz da razão que Deus lhe dera,
o Homem poderia combativo
enfrentar o poderio da morte,
que espalhara no mundo o seu veneno
no ferrão viperino das doenças,
rios de dor, de angústia, desespero,*

*A pergunta implacável - qual a origem do
será sempre o mistério impenetrável,
mas não impede o Homem
de eliminar o mal onde se esconda.*

*Foi Deus quem fez o Homem
e o pecado do Homem foi o*

*o Mal é o filho espúrio
da pressão, da injustiça, do egoísmo,
e mesmo o Mal da morte
pode o Homem enfrentá-lo com coragem
empregando a ciência e o progresso
na cura das doenças
e no esforço em prol da longevidade,*

Mártir da Ciência

Chamava-se Gaspar''

Deus fez a vida
não ama a dor e lhe desgosta a morte
Deus detesta o pecado
mas quer que o pecador arrependido
volte a sorrir, a amar e a viver.

Vencer a enfermidade,
não desistir de perseguir a morte,
- eis a missão do Homem.
Toda vez que ele canta uma vitória,
as suas mãos operam um milagre.
Esperar o milagre
não é contar que Deus diretamente
assuma o que compete ao Homem,
armado de razão e liberdade.
A ordem do Senhor foi clara e imperativa:

- Domina o mundo!

Vencer o Mal é o milagre do Homem
como fazer o Homem foi o milagre de Deus.

Chamava-se Gaspar,

e viera também de muito longe
trazer o seu presente, o seu milagre.
Nas frias mesas dos laboratórios,
empunhando provetas, microscópios,
esgrimindo com bisturis audazes,
ele armou sua trincheira
e declarou a guerra libertária
para emancipar o Homem
do sofrimento endêmico.

Chamava-se Gaspar,

e sentia o destino iluminado
pelo ideal do bem da humanidade.
Não podia parar, acomodar-se:
no roteiro do tempo
uma estrela o arrastava
ao presépio da dor onde um Menino
eterno nasce sempre e sempre morre.

A estrela da inteligência orientava
o roteiro dos magos da Ciência.

Chamava-se Gaspar, fixando a existência e o seu instante,
para o quadro do herói em sua glória.

e no relógio
da predestinação das grandes vidas
o tempo foi marcado e era pouco.
Urgia entrar no campo de batalha,
produzir a estratégia e a competência
desmascarar o inimigo
descarregar baterias
perseguir bactérias
reconduzir do exílio da doença
multidões pela cura anistiadas
e o líder indormido
vacinado contra a trégua e o cansaço
ia avançando cada vez mais longe
no terreno do Mal.

Chamava-se Gaspar,

e sua memória
dá forças e valor aos que o conhecem,
e enche de vergonha os que se escondem,
fugindo do combate e do holocausto.
Seu nome é uma bandeira tremulante,
chamando para a hora e para o sangue,
que são o preço da posteridade.
A sua lição austera
enobrece a sua terra e é proposta
ao seu povo que ama a liberdade
(a da alma e a do corpo)
e para consegui-la geme e sofre,
brada, soluça, sonha - vive e morre.
E quando um dia, transposto o Mar Vermelho,
marcar as suas pegadas no deserto
e entrar triunfante nessa terra,
onde o leite reflui e corre o mel;
- quando das camas dos isolamentos,
levantar-se o irmão cantando hinos;
- quando, reencontrado o Paraíso,
o Homem arrancar com as mãos sangrando
as raízes do Mal que se alastrava
e puder mastigar com a boca e a alma
só os frutos do Bem e da Ciência;
- quando o Homem, no mundo despoluído,
não tiver medo das infecções
do ódio, da violência, da maldade;
- ele estará conosco, ao nosso lado,
saído das ruínas do mistério,
ressuscitado em seu idealismo
ostentando os estigmas do martírio,
e fitando com os ingênuos, verdes olhos,
de criança que brinca com o milagre,
as mãos que Deus lhe deu produzem vida.
Ele estará conosco e lhe diremos,
com o pranto e a flor e a alegria
de um povo redivivo:

- Obrigado, irmão!

na confabulação dos inimigos
dos vírus apressados e dos lentos,
era mister abater essa bravura,
fazê-lo desistir dessa campanha.
E o plano foi armado.

Chamava-se Gaspar,

Um dia debruçado
sobre a grotta de tropas guerrilheiras,
perquirindo as manobras escondidas,
estudando a sua tática,
aprendendo os esquemas da vitória,
eles fizeram explodir a sua granada
dentro da cratera fumegante
do vulcão só na aparência extinto:
e o morto-já morrido lança a morte
naquele que da morte extrai a vida.
As labaredas se reacenderam
na energia letal da morte viva
e as lavas explodiram em sua face
penetraram seu corpo industriadas
para atingirem as entranhas de sua alma,
vomitando a bebida repulsiva
onde nadava alvoroçada e ébria
a lama patogênica das hostes
que ele durante a vida combatera.
E a lava de repente queima e soterra
o sonho de Pompéia e de Herculano,

Chamava-se Gaspar, e foi um mártir.
Sua vida alimenta nossa vida.

Carvalho Ribas, visão humanística na Psiquiatria

* Duílio Crispim Farina

João Carvalho Ribas, médico, professor de Psiquiatria, humanista, adentrou os umbrais da Academia Cristã de Letras.

Cabe-nos o prazer de recebê-lo, circunstância que desvanece e sensibiliza, já que temos sido caminharos da mesma romagem aos santuários de Higiê, Apolo, Asclepios e Peon, médico dos deuses e que ao pôr seu bálsamo nas feridas, dava ao sofredor a vida eterna.

Nossas passadas se entrelaçam há quase cinco décadas, desde nossos dias primeiros na Casa de Arnaldo, Faculdade de Medicina de São Paulo, e desde então fixou-se ele com o conceito e os méritos que são dados aos homens de labor, iniciados nas coisas do espírito e de coração. Líder enaltecido nos prêmios da inteligência, sempre a desmesurar as lindas do saber, nas variantes da medicina, ciência e cultura.

Ao revirar as páginas do tempo, em vidas paralelas, nós o revemos do banco escobar acadêmico, na cadeira que fora de Franco da Rocha, com Antônio Pacheco e Silva a engrandecê-la, ao fastígio da fama e ilustração.

Saudosos dias em que três preclaros esculápios, seguidores da ciência de Charcot e Pinel, assistentes de Pacheco e Silva, já precocizavam as culminâncias de uma escola. Carvalho Ribas, ao lado de Fernando Bastos e Amando Calubi Novaes, lembrados companheiros, era a entre demonstração de fúlgido talento, em lições científicas, evidenciado em preleções e aulas, erudição a aclarar os mistérios da mente, os estádios do pensamento, lucidez e abulia, auras, limiares entre o normal e o patológico, a escabrosidade das manifestações oníricas, delírios ou torpores, crises ptiáticas, ou do mal sagrado, síndromes depressivas ou alucinações, gênio ou loucura, integrantes da condição humana.

Já éreias, prof. Carvalho Ribas, a antevisão do lente que na respeitável cátedra de Psiquiatria, também estadeadora da escola do Juqueri, exornava no estudo dos problemas mentais, muito à maneira dos médicos e pensadores Miguel Bombarda, Egas Moniz, Gregório Marañon, César Lombroso, Charles Richet, Ramon Y Cajal, também nos caminhos percorridos por Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Ortega Y Gasset e Julio Dantas.

Intimorato defensor dessa visão humanística na prática psiquiátrica, pregoeiro com testemunhos de ação, em proselitismo exemplar, em nosso meio.

Bagagem imensa de trabalhos, obras de fundo al-

cance e não menor conteúdo psicossocial e filosófico. Entre tantos títulos, em tomos de eleição, citamos Psicologia e Arte da Palestra, Existencialismo e Higiene Mental, Oscar Wilde à Luz da Psiquiatria, Quando um Psiquiatra lê Nietzsche, A Pintura Moderna à Luz da Psiquiatria, Música e Medicina, Movimentos Místicos Coletivos no Brasil, uma modalidade de delinquência platônica, a Literatura Policial, Escritores da Casa de Arnaldo, e outros, outros e tantos mais.

Polivalentemente, abarcas todos os ramos e capítulos da cultura clássica, mas vosso esplendoroso trabalho, pleno de erudição, "As Fronteiras da Demonologia e da Psiquiatria", enaltece e ilustra a inteligência pátria.

Assim o escrevestes, na convicção de que, para ensinar a Clínica Psiquiátrica, além do conhecimento bem assimilado de toda a matéria, e competência para a realização da pesquisa em particular, impõe-se, como requisito de cúpula, o dispor-se da capacidade de explicar, sintetizar e criticar os aspectos mais amplos e totais da especialidade, dentro do espírito humanístico e universal de que tanto carecem as gerações estudiosas de nossa época. O trabalho aborda exaustivamente as conexões existentes entre a antiga Demonologia e a Psiquiatria Contemporânea, tomando como partida vossas observações clínicas sobre doentes mentais, com preocupações concernentes à influência do Diabo. O intróito vós o dedicastes aos visionários, possessos, místicos, feiticeiros, alquimistas e outros desbravadores do sobrenatural que, na luta incessante entre Deus e o Mal, tanto desmascaravam os aspectos mais profundos e verdadeiros da personalidade humana, em excelente desafio para desvendar caminhos para a moderna Psiquiatria, imensos esforços tantas vezes esquecidos.

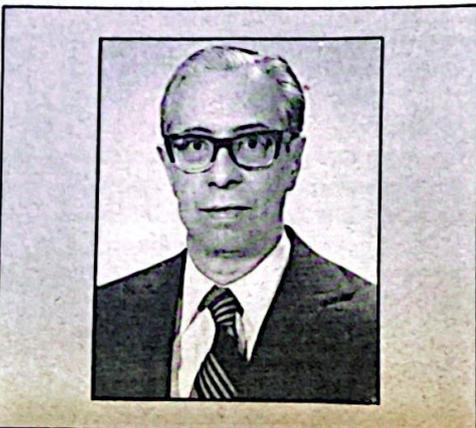
A Psiquiatria, nascida da Demonologia, à custa de tanta luta, idealista e heróica, cada vez mais se consolida como ramo soberbo da arte de Hipócrates.

Profundos conhecimentos da História da Medicina, Religião, História, Medicina geral, Psicologia Social permitem-nos percorrer escaninhos pouco difundidos do saber e do conhecimento.

Desfilam os Giambattista Della Poota, preparador do unguento das feiticeiras, a "Filosofia Oculta", de Cornélio Agripa, médico, advogado e teólogo; Jean Wier de Brabant, Jean Schenck de Friburgo, Ambroise Paré, as observações do jesuíta Frederico Spée, sobre as bruxas processadas pela

Inquisição; Felix Platter e "a loucura diabólica"; Paulo Zacchias, médico do papa Inocêncio X, pai da Psiquiatria Forense; Voltairé, Cagliostro, os rosacruceiros, a maçonaria; Mesmer e Chastenet, o marquês de Puységur, magnetizador de 1787, e tantos mais. Encerra o tomo, lavra distinta de Carvalho, uma sabinca e erudição que dariam para galardoar muitos mestres e ainda muitos doutos e insignes autores.

Integrante da turma de 1937 da Faculdade de Medicina da USP, sois um de seus mais destacados valores.



Membro fundador da Academia Hispano Brasileira de Ciências, Artes e Letras, nela proferistes aulas-conferências, antológicas, entre as quais se destacam, pelos altos valores, "Dom Juam, mito da Espanha para o Mundo", e a "Loucura de D. Quixote", interpretação fiel de sagas de amores exacerbados, sonhos utópicos e irreais, salvação de donzelas em perigo, obra do cavaleiro da triste figura, enlouquecido pela paixão à Dulcinéia Del Toboso, com seu vulto imerso em um tipo esquizóide-paranóico.

Allenado das realidades sancho-panchescas, alcançado em sonhos, mistificações, é a expressão daqueles que tentam encobrir a temporalidade das coisas terrenas com o manto da fantasia, disfarce diáfano e irreal, mas muitas vezes equilibrador dos conflitos emocionais.

Lentivo e alarde, minora o sofrimento ante as limitações humanas, tornando-se cavaleiro, montado não só em rocantes, mas em cavalos alados, os Pégasos da Mitologia Grega, voltados para as esferas altas, caminhos da eternidade.

Loucura de D. Quixote, bálsamo e fuga das decorências do Homem Mediocore (de Ingenieros), do Homem Incapaz (de Charles Richet), expressões autênticas da "História da Me-

diocridade Humana", de Pitirín Sorokin.

Dor e alegria, o bem e o mal, a vida e a morte, pecado e virtude. Homens e semideuses, César e Hércules, Força e Misticismo, Maimonides e Lulio; Aristóteles e S. Tomás de Aquino.

Humanista de vós condoreiros, o pequeno em dimensões, o ridículo, o farsante não vos causam pena ou repulsa. Entendeis o homem finito, mas proclamais, por vossa vida e obra, a exaltação do homem que intenta romper os grilhões que o prendem à terra, às paixões mundanas, para

que, ainda há pouco pudemos arrematar, num desvão de alfarrabista, esquecido e ignorado, um lote de livros, quase todos, de que serviu-se mestre Alcântara Machado para a execução de sua colenda tese, entre eles os tomos de Bernheim, Gilles de la Tourette, Abbé Touroude, Paul Garnier, Binet, Campili e Lillenthal. Resgate da memória nacional que se evasace com o desinteresse e o desentendimento.

Não é este o tempo de louvação do lente da imortal Casa de Arnaldo, nem de vossos escritos de Ciência e Psiquiatria, sempre pertinentes e atuais, mas é lícito referir os apuros de escoreta linguagem dentro dos ditames do melhor vernáculo.

Convém enfatizar que em vossas dimensões de escritor há a cadência da frase exata na marcante equação do saber dizer.

Santista, filho da terra onde Brás Cubas criou a Primeira Confraria de Misericórdia em terras brasilienses, amais a vossa pátria natal, onde vivestes a infância e juventude, defronte a esse "mar imenso selvagem e solitário", neto do dr. Thomaz Carvalho que, além de médico e cirurgião, dominava o pensamento de La Bruyère, Rochefoucauld, Descartes e Pascal. Atavismos primordiais de vossa ténpera e personalidade.

Convivestes com Valdomiro Silveira, Mário de Andrade, Flávio de Carvalho, Miroel Silveira e outros tantos, hoje incorporados ao principado da inteligência e do talento em chãos paulistas.

Contribuístes, de forma invulgar para a ereção da Faculdade de Ciências Médicas de Santos, ao lado de Edgard Cerqueira Falcão, Milton Estanislau do Amaral, Arnaldo Amado Ferreira, Silvio Marone e Névio Pimenta.

Os mais remotos esforços assistenciais ao insano, aqui na Província de São Paulo, remontam ao ano de 1829. Com o auxílio do poder municipal, em uma casa da rua das Flores, a cargo da Misericórdia Paulistana, organizou-se um recolhimento para alienados. Precário e pobre de recursos, contudo serviu até meados do século XIX, 1852, quando o hospício foi ter agasalhos à rua de São

João, nas proximidades do largo dos Curros (hoje praça da República). Funcionou até 1862 ou 64, passando para a chácara da Tabatinguera onde teve recolhimento e abrigou o infeliz poeta Santamarense Paulo Eiró que lá finou-se tristemente. Essa chácara também chamada do Osório ou do Menezes, pertenceu a Francisco de Assis Lorena, filho do governador Bernardino José de Lorena. Lá serviram os dedicados Francisco Franco da Rocha, Claro Homem de Melo e João César Rudge, além dos administradores alferes Tomé de Alvarenga e Frederico Antônio de Alvarenga, este continuador do zelo e trabalhos paternos.

Ao depois tudo o que sabemos. O manicômio de Juqueri, Franco da Rocha, a laborterapia, a criação de aves e pássaros, laboratórios de anatomia-patológica e de patologia experimental, Pacheco e Silva, Constantino Tretiakoff, passos primeiros da grande escola com substrato científico, seguidora da Salpetrière, sob cuja égide se iniciara.

Prolongamento de Pierre Marie, Babinsky, Bleuler, Von Monakow e Kraepelin. E vós, na cidadela do Araújo, num magistério em que o paciente é a pedra angular das dedicações exemplares, e o humanismo a chave iniciática das terapêuticas possíveis. Repetistes Miguel Couto: se a medicina não está toda na bondade, muito menos vale sem ela.

Em bem verdade com Franco da Rocha e Pacheco e Silva constituís a triade embasadora da Psiquiatria na gleba bandeirante.

Vida digna de ser vivida, amantíssimo pai e esposo, amigo leal e apoiador, seastes, colhestes e vossa safra de pomos dourado será lembrada e decantada.

É por tudo isto, e muito mais, caríssimo confrade João Carvalho Ribas, que recebeste o sufrágio consagrado de vossos pares e adentrais esta Casa de São Francisco de Assis, em Piratininga, com respeito e regozijo.

Sede bem-vindo. A Cadeira n.º 8 que tem como patrono o padre Belchior de Fontes, é vossa "Ad imortalitatem".

* Oração de recepção a João Carvalho Ribas, na Academia Cristã de Letras.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca